

Com licença professora, ela pode entrar?

Semanalmente nos reunimos para tratarmos de assuntos diversos relacionados à escola e foi em uma dessas reuniões que a professora desabafou:

- *Aquela menina é muito chata!*

- *Chata? Como assim? Perguntei.*

- *Ela quer sempre ser melhor que as outras, sempre sabe mais...*

A professora tentava justificar para o grupo o que considerava inoportuno na menina. Intrigada pelo que ela poderia estar justificando como chata, indaguei um pouco mais sobre a "chatices" da aluna e ela respondeu:

- *Ela vive competindo com uma outra menina da sala e quer sempre ser melhor...*

Tenho procurado desafiar o meu próprio olhar observando com estranhamento os lugares que historicamente têm sido ocupados pel@s professor@s e pel@s alun@s, foi com esse olhar e inserida nesse contexto que desconfiei e tentei compreender o que era ameaçador na relação entre a aluna e a professora.

No dia seguinte, estávamos acabando de planejar a nossa primeira atividade e nos organizando, quando alguém bateu a nossa porta. Ao abrir, deparei-me com a professora que me disse:

- *Ela pode ficar?*

Por alguns segundos oscilei como se não soubesse do que se tratava, mas logo recordei do convite que fizera a professora no dia anterior.

- *Essa é a Larissa! Disse a professora.*

Logo, entendi do que se tratava e falei:

- *Claro, pode entrar vai ser um prazer tê-la em nossa sala, Larissa*

Com o rosto escondido, atrás do seu boné rosa, Larissa sentou-se e quase não conseguia contemplar as demais crianças. Era nítido o desconforto da menina e tentei quebrar o clima de expectativa que começou a gerar em torno da situação.

- *Venha Larissa! Pode sentar-se aqui... Falei.*

Antes mesmo de tentar explicar sobre o que estava acontecendo, uma das crianças perguntou:

- *O que ela está fazendo aqui?*

- *Veio nos visitar, vai passar a manhã conosco... Respondi.*

- *Mas por quê?*

- *Por que só ela?*

As perguntas começaram a surgir, não havíamos nos preparado para a chegada da menina. Tentei começar a atividade a fim de desvirtuar o foco de atenção para a situação que estava posta, quando uma das crianças me interrompe:

- **Quem você vai trocar?**

A pergunta era certa, capciosa. Foi aí que percebi o quanto insensata havia sido a decisão. Confesso que foi naquele momento que me dei conta realmente do peso daquela atitude.

- *Eu não preciso trocar ninguém; preciso?*

- *Há! Fala sério, professora! Quem você vai trocar?*

Foi a partir da pergunta que percebi o quanto prolixa era aquela situação. Percebiam claramente como se constitui a lógica da escola e como se constitui a lógica do poder. Deveriam estar se sentindo ameaçados e chegando a conclusão de que qualquer um pode ser retirado daqui e levado para outra sala, sem maiores argumentações.

Essa experiência se deu na Escola Municipal Diógenes Ribeiro de Mendonça, em Niterói, RJ, onde trabalho com um grupo de trinta e um alunos do segundo ciclo. No nosso município, as escolas da rede municipal trabalham em regime de ciclos. Dentro dessa proposta, é comum os reagrupamentos de crianças acontecerem por centro de interesses ou grau de dificuldades.

Desconfiaram do fato de só a Larissa chegar a nossa sala e não um grupo de crianças, como é comum. Foi raciocinando sob essa ótica que provavelmente suspeitaram de que não seria um reagrupamento e sim uma troca de alunos. Poucos minutos depois, uma outra criança falou:

- *É Delcy que você vai trocar professora?*

Delcy, menino magrelo, olhar articulador. É um pouco mais velho que a turma, tem 11 anos, já ficou retido em uma etapa anterior. Faz as atividades propostas quando quer e seu comportamento oscila. Muito faltoso, o que dificulta ainda mais o seu desenvolvimento. Porém, é criativo quando o assunto é atrapalhar a aula, canta muito bem pagode e funk. Apesar da descrição não ser das mais felizes, somos amigos. Algumas vezes, me permite trabalhar com tranquilidade, mas na maioria das vezes canta durante a aula, joga bolinha de papel nos outros, esconde material dos colegas provocando muitas insatisfações e confusões.

Continuarei a olhar sem nada dizer, deixei no ar, por alguns instantes, aquela pergunta. Não foi preciso responder, Delcy irritado e com ar de quem estava reprovando aquela situação, disse:

- *Eu não vou pra lugar nenhum, sai fora! Cala boca aí, hem... Se continuar vai ver só...*

Pergunto a turma:

- *Vocês acham que eu posso sair por aí trocando todo mundo?*

A indagação das crianças me fez refletir em como nos colocamos no espaço da escola e como nos fazemos professoras. Não se trata somente do sentimento de menos valia externado por aquela menina, mas como nos apropriamos do lugar de professor@, ali demarcado como lugar de poder, e fazemos valer o sentimento de colonizador que em nós habita. Comecei a pensar o quanto imprudente havia sido a minha atitude, em convidar a menina para ir a minha sala, e da professora em propiciar a ida, sem ao menos pensarmos alternativas para ingressar-lhe ao novo grupo.

Não demorou e Larissa já estava de posse das revistinhas e livros que guardamos em nosso armário. Assim, como os demais Larissa confeccionou um envelope para arquivar as produções, emprestou materiais e pediu emprestado. No final do dia, ela se aproximou de mim e disse: - *Tia, eu posso ficar aqui?*

Brinquei devolvendo-lhe a pergunta:

-*É namoro ou amizade?*

-*É namoro.* Respondeu sorrindo.

Referências Bibliográficas:

CEARTEAU, Michael. *A Invenção do Cotidiano I*. Petrópolis. Vozes.1994.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/ Projetos Globais: colonidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2003.

PAIS, José M. *Vida Cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo. Cortez. 2003

FREITAS, Luis C. *Ciclos, Seriação e Avaliação. Confronto de lógicas*. Ed. Moderna. 2003.